

6. Dos Porões da Fundação Biblioteca Nacional ao Depósito das Vassouras na PUC-Rio

6.1. A Gênese de uma Teoria da Leitura

O Proler, em sua atuação, partiu de hipóteses já levantadas na pesquisa desenvolvida, entre 1984 e 1989, que estabeleceu alguns pressupostos teórico-metodológicos acerca da leitura e que fundamentam os estudos atuais sobre o tema. Estes pressupostos definiram as diretrizes do programa então criado e valorizam as seguintes dimensões da leitura:

- a leitura como atividade permanente da condição humana, quer se tenha ou não consciência dela; a leitura considerada, portanto, em sua dimensão semiótica;
- a leitura como prática de vida que emerge com nossa leitura de mundo e da qual depende o domínio da linguagem verbal graficamente codificada;
- a leitura como experiência prazerosa, apurada no estreitamento das relações entre leitor, texto e contexto;
- a leitura como produção de subjetividades, por sua capacidade de afetar o sujeito, formando-o e transformando-o, enquanto “corpo social” e individual;
- a leitura como experiência de interação entre as vivências, a memória e o texto;
- a leitura como reflexão a desvelar as ideologias que subjazem os discursos
- a leitura como experiência que percorre as diversas áreas do conhecimento e, nessa perspectiva não restrita ao início dos processos de escolaridade e alfabetização.
- a leitura na perspectiva de uma nova hermenêutica, considerando que a atividade da leitura do mundo – na ilusão das coisas tais como se apresentam aos indivíduos – conduz à leitura de mundo – filtrada pela interpretação, com reflexos sobre as práticas sociais.

Os princípios metodológicos são sintetizados em dez itens, selecionados como fio condutor das práticas dos pesquisadores, ainda que sob constante observação e reavaliação, de modo a garantir o que consideram uma pedagogia em processo:

- valorização da oralidade;
- preferência explícita pelo texto literário na seleção das leituras;
- constante reflexão teórica, propiciada através de seminários, conferências, mesas redondas, painéis, oficinas e outros espaços teóricos;
- valorização da prática da Leitura por todas as áreas do conhecimento e em todos os espaços de aprendizagem;
- formação de mediadores de leitura através de um processo contínuo e sistemático;
- formação do mediador prioritariamente como leitor, de modo que se transforme num agente de leitura no seu próprio espaço de convivência;
- formação dos agentes de leitura através de exercícios de aprofundamento teórico-prático e ampliação dos recursos para que atuem nas áreas de abrangência geográfica do núcleo local formado em torno do Proler;
- criação e ampliação de acervos: biblioteca públicas, salas de leitura, e outros espaços diversos de modo a viabilizar a convivência dos leitores com livros, imagens e textos variados;
- promoção de maior intercâmbio e troca de experiências, além de ampla disseminação de estudos e práticas de formação de leitores, recorrendo a especialistas de todo o país, oriundos de universidades diversas ou núcleos de estudos e centros de pesquisa com competência reconhecida;
- assessoria na seleção e análise da produção editorial que vai compor os acervos das bibliotecas, salas de leitura e espaços diversos que sejam criados através do compromisso com as prefeituras locais; e a assessoria, também, para articular e constituir uma rede de informações sobre a leitura, acessável pelas bibliotecas integradas a qualquer sistema que se conecte com a FBN. Esta assessoria estende-se à organização de planos e projetos a serem encaminhados a entidades financiadoras governamentais ou não.

Elencando algumas proposições de Eliana Yunes, criadora intelectual do Proler (1992-1996), observamos as linhas que orientaram a concepção de leitura do programa que se confirmam nos depoimentos anexos a esta pesquisa.

No seio de nossas indagações está a linguagem, sua relação com as ações sociais, a construção da singularidade dos sujeitos face a uma ética da solidariedade, a irrefutável exigência da consideração do multiculturalismo numa sociedade midiática e a condição interdisciplinar no processo do conhecimento. Certamente, os discursos avançaram muito nestas formulações teóricas. As práticas, no entanto, resistem¹.

A problemática dos valores que presidem ou não nossas relações sociais está profundamente associada às interpretações que elaboramos para o cotidiano em diversas instituições e práticas. Este tópico, o das interpretações, com evidentes conexões entre língua, psicanálise, filosofia, história, antropologia, etc., passa pelo mesmo eixo da narratividade e remete a um sintagma muito mais corrente no sistema educacional que é leitura. De repente, algo óbvio para esta sociedade pós-letrada, retorna como questão: o que é ler, afinal?²

Considerando a dimensão semiótica da leitura e atualizando os tempos verbais do depoimento da prof^a Bethânia Mariani, temos a concepção de leitura que orientou o Proler (1992-1996) e que pode responder à indagação de Yunes.

Ler e constituir-se leitor são processos a serem deflagrados e instaurados para além do aparelho escolar; na verdade, desconfia-se que a escola mais deforma do que forma leitores.

Ler é produzir sentidos. Ler é descobrir que o sentido pode ser outro. Ler é saber que leituras são produzidas historicamente e são passíveis de ressignificação ao longo dos tempos. [...] também se faz a leitura da cidade, da arquitetura, do sistema urbano, dos museus. Também se leem as imagens fílmicas, as ilustrações, as pichações, os *cartoons*, histórias em quadrinhos, novelas. Discute-se a leitura da publicidade, de peças teatrais, dos jornais, enfim, lê-se o mundo e as coisas do/no mundo de mais de um ponto de vista exatamente para que se constate isso: o mundo, a tal da realidade, não passa de um conjunto de pontos de vista, ou seja, sentidos construídos, alguns de modo hegemônico em oposição a outros eventualmente silenciados. (Bethânia Mariani- Questionário).

6.2. Percurso e percalços da Leitura

O Proler nos moldes em que foi planejado e iniciou suas ações, em 1992, não mais existe. O que permanece é um programa como os demais que se criam diariamente em todo o país e com a atuação restrita não só pelos limites impostos pelo MEC como pelos próprios pressupostos teórico-metodológicos que lhes deram origem em meados de 1996 com a finalidade de substituir o programa que então se desenvolvia.

Daquele Proler foi possível visualizar, no decorrer dessa pesquisa, ações em muitos municípios e estados que continuam a seguir as diretrizes que o fundamentaram. Geralmente estão circunscritas às Universidades como acontece com a Cidade de Goiás, o Núcleo de Vitória da Conquista, a PUC-PN e a UFES, em especial São Mateus. Outras como as de Araxá, de Uberaba, cujo órgão coordenador é a Biblioteca Municipal, e a de Blumenau e de Brusque, em Santa Catarina, desenvolvem suas ações geralmente sob a coordenação das Secretarias de Educação e têm como foco e público-alvo a formação do leitor na escola. Em Natal, Marly Amarilha continua com as ações que desenvolvia antes da criação do Proler. Seu trabalho na UFRN tem como foco a área da leitura/ formação do leitor/ literatura. O Proler, em Natal foi assumido pela Secretaria de Educação, como ocorre em outros municípios e estados. Marly lembra, ainda, do 1º Simpósio de Leitura do Rio Grande do Norte, em que Eliana Yunes como representante do Proler, e Max Butlen, consultor cultural da França, e defendendo o Pró-Leitura, debateram acerca das diferenças e aproximações entre as duas propostas. A conclusão de Marly Amarilha é que “a dissociação entre o Ministério da Educação e o Ministério da Cultura sempre foi um entrave a maiores progressos na política de leitura do país”, posição adotada pelos profissionais que estão envolvidos com o tema.

Em 2001, as mesmas diretrizes que orientaram a criação do Proler, em 1992, agora ampliadas pelas conquistas tecnológicas que a todo momento enriquecem a área das comunicações, foram responsáveis pela criação da Cátedra Unesco de Estudos Avançados de Leitura, na PUC-Rio.

Singularizada por ser a primeira e única na América Latina cujo objeto de estudos é a leitura, a Cátedra Unesco surgiu dos esforços de três departamentos da PUC-Rio, que, numa ação transdisciplinar, contribuíram para que se viabilizasse esta iniciativa: os departamentos de Artes, Educação e Letras.

Alguns aspectos peculiares da criação da Cátedra merecem destaque, e serão correlacionados com as circunstâncias de criação do Proler, em 1992, pois provocam algumas reflexões interessantes acerca do lugar que a leitura tem ocupado no país.

Em relato do grupo Morandubetá³ de Contadores de Histórias, criado ainda na FNLIJ, quase dois anos antes da criação do Proler: *Tudo começou no ano de 1992, nos porões da Biblioteca Nacional. Um programa de Leitura saía do papel e se espalhava pelos corredores do imponente prédio que abrigava a sede do programa.*

Em 1992, o Proler deu início às suas ações nos porões da Fundação Biblioteca Nacional, e expandiu-as por seus corredores e demais espaços onde pudesse começar a formação de leitores atingindo primordialmente os próprios funcionários da Biblioteca, independente do cargo que ocupavam ou da posição social. Assim, foi num lugar sem grandes pretensões e em condições precárias, conforme constatamos no depoimento de Affonso Romano de Sant'Anna (no cap. II), que o Proler começou.

Dez anos depois, em 2002, o único espaço disponível pela reitoria da Universidade para abrigar a Cátedra nascente era o antigo “depósito das vassouras”, espécie de almoxarifado, então desativado, onde anteriormente guardava-se o material de limpeza. Este, na falta de outro, foi o espaço pleiteado e, apesar de algumas considerações da reitoria, finalmente cedido. Um olhar mais perspicaz percebera que aquela construção, no momento tão hostil e esquecida, ficava no coração do *campus* e que ao sol da manhã recebia a imagem da cruz que encimava a capela da Universidade, construída em terreno próximo. Além do mais era cercada por árvores frondosas e, se bem reformada, poderia tornar-se um local aprazível e acolhedor. *Alea jacta est* decidiu o grupo.

Oito anos se passaram e ao entrar naquele espaço reduzido percebe-se que ali não há limites para a expansão do conhecimento e para a promoção da leitura. As atividades se sucedem intermitentemente e com um entusiasmo estimulante.

Fiel aos mesmos princípios que orientaram a criação do Proler, ali o próximo é mesmo o próximo, é o legítimo outro⁴ que está ao lado, ao alcance da minha mão. A formação de leitores inicia-se com o atendimento aos empregados da Universidade. Semanalmente são apresentados, nos círculos de leitura, a Lobato e a outros autores. Com todos aqueles que se interessam pela leitura, têm acesso a um patrimônio que como a biblioteca de Babel, de Borges, é o sonho de todos aqueles que se instituíram pela leitura. Na ELO, Estação de Leitura On-line, podem tirar suas dúvidas e ter acesso a qualquer informação sobre leitura, atestada e qualificada por doutores que estão sempre à disposição do pesquisador.

A Cátedra, porém, é mais um pouco. Analisa, no momento, todos os projetos de promoção da leitura inscritos no prêmio Vivaleitura, do MEC, nos anos de 2006 e 2007, mapeando estas ações em todo o território nacional, orienta programas como o de “Agentes de leitura”, do MinC. Abriga uma Biblioteca de obras direcionadas a crianças e jovens, BLIJ, cujo acervo foi muito bem organizado, através de critérios especiais.

Segundo os depoimentos e documentos analisados o programa tinha o gérmen dos movimentos instituintes. Dessa forma, os ideais que dirigiram as ações daqueles que participaram, do Proler (1992-1996), comprometidos com os objetivos que pretendiam alcançar, continuaram vivos nas ações de muitos brasileiros que deram prosseguimento ao trabalho.

NOTAS

¹ YUNES, Eliana. *Ora, direis, Leitura!* Escritos avulsos

² Id.ibid.

³ O Grupo Morandubeté é formado por Benita Prieto, engenheira, atriz, produtora, debatedora do Sem Censura da TVE, especialista em Literatura Infantil e Juvenil e em Leitura: Teoria e Práticas.

Celso Sisto, ator, escritor, arte-educador, professor universitário, especialista em Literatura Infantil e Juvenil, Mestre em Literatura. Eliana Yunes, doutora em Linguística e Teoria da Literatura, especialista em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil, professora da PUC-Rio, criadora intelectual do Proler, Lúcia Fidalgo, bibliotecária, com especialização em Biblioteca Infantil, escritora, Mestra em Educação, professora da UFF no Departamento de Ciência da Informação.

⁴ Conceito criado por Maturana.